

# Gasto ou in

Por Sílvia Noronha

**C**ompromisso assumido pelo Brasil, a realização da Copa do Mundo de Futebol em 2014 traz, para alguns, esperança de melhorias nas 12 cidades-sede, mas para outros sinaliza gastos públicos desnecessários. "A tendência é trazer benefícios. Numa lógica cartesiana, eu diria que isso é possível, que o evento tem um lado provocador, mas os recursos a serem gastos não serão necessariamente investimentos", pondera Sílvia Vergara, professora da Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas da Fundação Getúlio Vargas (Ebape/FGV). Doutora em Educação e mestre em Administração Pública, ela ressalta a falta de cobrança por parte de uma população cidadã que fiscalize as políticas governamentais.

Não há quem duvide, entretanto, do potencial de geração de empregos. Um estudo da FGV chegou a estimar um total de 18 milhões de postos de trabalho desde a preparação do país até a partida final da Copa que, em valores, movimentaria recursos da ordem de R\$ 155 bilhões. Mas até neste quesito os desafios são muitos. "Não há pessoas qualificadas para ocupar todas as vagas. Para funções que exigem mais escolaridade e capacitação, não será fácil; pode até ser necessário buscar pessoas no estrangeiro", preocupa-se Sílvia Vergara, para quem existe um vazio de qualificação no Brasil.

A cobrança da sociedade por retornos — os chamados legados — que compensem os gastos públicos necessários à realização desses eventos tem sido cada vez mais veemente no mundo todo, mas nem sempre foi assim. Até 1976, as Olimpíadas eram deficitárias para os países-sede e a Copa não trazia benefícios econômicos subsistentes, conta Elvio Gaspar, diretor da Área Social do Banco Nacional de Desenvolvimento Social (BNDES), principal instituição de fomento às iniciativas privadas e públicas voltadas para o Mundial. "Hoje, cada real gasto pelo governo alavanca outros quatro. O gasto público é totalmente compensado", afirma.

Um estudo encomendado pelo Ministério do Esporte estima que os jogos vão gerar, na economia, o triplo do que for investido. Esse efeito multiplicador se daria sobre uma previsão inicial de R\$ 28,8 bilhões, em investimentos públicos e da iniciativa privada. Em termos de geração de empre-

go, o mesmo levantamento aponta a geração de mais de 2 milhões de postos de trabalho até 2027. Posteriormente, os valores apresentados pelos comitês locais ao Comitê Organizador da Copa 2014 ultrapassavam os R\$60 bilhões.

**Evento organiza políticas** — Gaspar diz que a Copa surge como um fator organizador de políticas, ou seja, colabora na escolha de projetos a serem desenvolvidos nas cidades-sede; e ainda, no caso do Brasil, contribui para um crescimento regional mais equilibrado por ter incluído municípios das cinco regiões: Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo, no Sudeste;



Sílvia Vergara, da FGV: falta população que fiscalize os gastos



Luiz Barreto, ministro do Turismo: repercussão pelos próximos 20 anos

Brasília e Cuiabá, no Centro-Oeste; Curitiba e Porto Alegre, no Sul; Fortaleza, Recife, Natal e Salvador, no Nordeste; e Manaus, no Norte. "Precisamos trabalhar para garantir uma cidade para todos, com segurança nas áreas mais pobres, trânsito para a população e não somente no trajeto entre aeroportos, hotéis e estádios. Se o projeto não levar isso em conta, vamos organizar uma boa Copa e perder uma oportunidade", avalia.

# vestimento?

O Brasil se prepara para realizar sua segunda Copa do Mundo de Futebol, mas a grandiosidade do evento de 2014 não se compara com o Mundial de 1950. Os recursos públicos que serão movimentados provocam muitas reflexões sobre a preparação do país.





Para que o evento gere as externalidades positivas desejadas nas 12 cidades, o BNDES passou a adotar condições mais favoráveis para projetos sustentáveis, que prevejam reuso de água, eficiência energética, gestão de entulho etc. Para construir hotéis sustentáveis, por exemplo, o prazo de pagamento pode chegar a 18 anos, equiparável ao que o banco concede para empreendimentos mais intensivos em capital, como hidrelétricas. A princípio, está prevista a liberação de R\$ 1 bilhão em créditos para o ProCopa Turismo, podendo aumentar se a demanda exigir. Em abril, havia três projetos em análise e outros 15 em perspectiva, totalizando investimentos de R\$ 750 milhões, dos quais R\$ 570 milhões a serem financiados. Nas operações diretas, os juros do programa variam de 6,9% (micro, pequena e média empresa) a 8,8% (grande empresa), mais *spread de risco*.

Para a construção e reforma dos estádios, o BNDES lançou o ProCopa Arenas, com recursos previstos de R\$ 4,8 bilhões, ou seja, R\$ 400 milhões para cada um. Somente arenas com certificação ambiental, entorno adequado à cidade e modelo de sustentabilidade financeira após o evento serão aprovadas. O banco não quer incentivar projetos como o do Engenhão, construído para os Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro de 2007, sem preocupação com o entorno. Para 2014, alerta Gaspar, os estádios terão que conversar com a cidade.

"O BNDES pretende avançar bastante na adoção de linhas com condições favoráveis para projetos sustentáveis, que incluam a valorização da mão de obra local, com oferta de treinamento de pessoal para evitar pressão negativa sobre as cidades", afirma Gaspar, para quem a Copa deixa também como legado uma melhor organização das **políticas** de fomento.

Segundo o diretor, outra consequência dos megaeventos é que eles contribuem para impulsionar grandes obras, mudando os investimentos brasileiros de patamar. "Passamos 20 anos pensando pequeno. Temos que aumentar nossa taxa de investimento para 22%, 25% do PIB, e hoje ainda está em 19%", observa, ao citar a perspectiva de construção do trem de alta velocidade entre Rio de Janeiro e Campinas, que custará R\$ 34,6 bilhões, dos quais até R\$ 21 bilhões em créditos do banco.

O presidente do BNDES, Luciano Coutinho, cita a importância de um bom planejamento para não repetir erros. "É um desafio para a sociedade, não apenas para o governo", frisa. Já o ministro do Esporte, Orlando Silva, declarou em março que se preocupa com a contratação das obras das arenas multiuso. Dia 3 de maio está prevista nova avaliação por parte da Federação Internacional de Futebol (Fifa). "As cidades precisam apertar o passo, até por conta do ano eleitoral", afirma ele, para quem o restante das obras está encaminhado desde o acordo de cooperação assinado em janeiro entre as cidades, os estados e o governo federal.

**Mobilidade urbana** — Os governos envolvidos possuem diversos programas específicos para preparar as cidades para a Copa. Um deles é o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) da Mobilidade Urbana, do Minis-

tério das Cidades, com recursos de R\$ 11,48 bilhões, sendo R\$ 7,68 bilhões do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e o restante em contrapartidas dos estados e municípios. São 47 projetos de infraestrutura aeroportuária, de transporte e hotelaria, priorizados segundo dois critérios: atendimento aos cronogramas estabelecidos pela Fifa e possibilidade de gerar benefícios para as cidades após o Mundial.

Trinta por cento do montante serão aplicados em sistemas de transportes sobre trilhos e os demais em: *bus rapid transit* (BRTs, num total de 20), corredores exclusivos de ônibus, estações de transferência, terminais e sistemas de monitoramento de tráfego. A maior parte do dinheiro destina-se a projetos de interligação dos locais do evento a seus aeroportos e área hoteleira. O Rio de Janeiro, que sediará ainda as Olimpíadas de 2016, receberá o maior volume de verbas federais: R\$ 1,19 bilhão, a serem aplicados no BRT que ligará a Barra da Tijuca ao bairro da Penha,

na zona norte, passando pelo Aeroporto Internacional Tom Jobim, na Ilha do Governador, também na zona norte. Em São Paulo estão previstos R\$ 1,08 bilhão para o monotrilho que ligará o Aeroporto de Congonhas ao Morumbi, onde fica o estádio.

Os projetos de mobilidade urbana, entretanto, vão além dos incluídos no programa do governo federal. As próprias cidades planejam muitas outras intervenções estruturais. São Paulo, maior cidade do país, listou 19 obras consideradas importantes pela prefeitura para enfrentar seu maior desafio, que é justamente devolver à população o

direito básico de ir e vir sem o entrave dos engarrafamentos. Fazem parte do cronograma para a Copa o alargamento da Marginal Tietê, novas linhas de metro e de trens, entre

outras. Segundo a Secretaria de Turismo da cidade de São Paulo, os recursos dos governos federal, estadual e municipal e da iniciativa privada somarão R\$ 33,4 bilhões na maior metrópole do país. Dificuldade de ir e vir não é exclusividade de São Paulo, famosa pelos noticiários cotidianos a respeito dos muitos quilômetros de engarrafamentos. Segundo Marcos Bicalho dos Santos, diretor-superintendente da Associação Nacional das Empresas de Transportes Urbanos (NTU), as cidades com mais de 500 mil habitantes no país enfrentam proble-

## Custos de obras nas arenas esportivas

Cidade	Estádio	Custo (R\$ milhões)
Belo Horizonte	Mineirão	427
Brasília	Estádio Nacional	520
Cuiabá	Estádio Verdão	400
Curitiba	Arena da Baixada	250
Fortaleza	Estádio Castelão	300
Manaus	Arena Manaus	300
Natal	Arena das Dunas	300
Porto Alegre	Estádio Beira-Rio	378
Recife	Arena Cidade da Copa	500
Rio de Janeiro	Estádio Maracanã	600
Salvador	Estádio Fonte Nova	550
São Paulo	Estádio Morumbi	240*
<b>Total</b>		<b>4.765</b>

Fonte: Comitês locais (elaboração: Christopher Caffney / UFF).  
\*Valor em discussão



mas sérios de transporte. A Copa — avalia ele — traz a chance de melhorar o sistema público para a população, tendo em vista o tema ter entrado na pauta do governo federal, o que é importante para projetos de maior custo, como os 20 BRTs previstos. O poder público ficará responsável pela implantação das vias e estações, e o operador, mediante concessão, arca com o sistema de controle operacional e com os ônibus. Somente Curitiba dispõe de BRT no Brasil.

Não obstante, Bicalho diz que os BRTs não podem ser encarados como a solução dos problemas das cidades que, na verdade, carecem de infraestrutura urbana. "Os BRTs são uma alternativa importante, pois apresentam prazo e custo de implantação menor do que o de trem e metro, a infraestrutura e os equipamentos podem ser adquiridos no Brasil, e o custo de manutenção também é inferior ao do metro. Estamos num momento de dar um salto de qualidade no sistema de transporte público das cidades", opina.

**Custo das obras em alta**— O Rio de Janeiro é a segunda cidade em volume de recursos voltados para os megaeventos: R\$ 11 bilhões, montante previsto inicialmente pelo comitê da Copa, que poderá sofrer alterações. Fortaleza, em terceiro lugar, estima movimentar R\$ 9,2 bilhões.

Nos últimos meses as previsões estão sendo revistas para cima. São Paulo, por exemplo, previa R\$ 20 bilhões, ante os R\$ 33,4 bilhões atuais. Isto sem considerar a discussão mais recente a respeito da incapacidade de adequação do Morumbi, segundo a Fifa, o que exigiria a construção de uma nova arena e mexeria com boa parte do planejamento da cidade para o evento.

Os recursos em intervenções nas cidades, portanto, são bem superiores aos gastos previstos para reforma ou construção dos estádios que, por sinal, também estão sendo revistos. No total as arenas demandariam R\$ 4,41 bilhões. São Paulo, Rio de Janeiro e Salvador reviram os custos, elevando o total para R\$ 4,76 bilhões. Antes da escolha do país pela Fifa, dizia-se que a iniciativa privada estava interessada em assumir as obras dos estádios. Agora, apenas as arenas de Porto Alegre, Curitiba e São Paulo ficarão sob responsabilidade de clubes de futebol. As de Salvador e Natal deverão sair por meio de parceria público-privada (PPP). Os demais serão assumidos diretamente pelas prefeituras ou governos estaduais, através de empréstimo do BNDES.

**Risco de endividamento** — Especialista em gestão de recursos públicos, o professor de finanças da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA/USP), Roy Martelanc, avalia os megaeventos de forma bastante

crítica. Sua primeira preocupação é justamente com o aumento dos gastos previstos. O Pan-Americano de 2007 no Rio, que serviu como uma espécie de ensaio, registrou aumento de gastos dos R\$ 390 milhões previstos na época da candidatura, em 2001, para R\$ 3,5 bilhões, uma diferença muito superior a qualquer índice inflacionário do período.

"É estratégico prever valores mais baixos para ganhar a candidatura. Depois que assume o compromisso não dá mais para recuar", afirma. Na África do Sul, sede da Copa que começa em julho deste ano, foi a mesma coisa, observa. Ele avalia a exigência de arenas multiuso, ou seja, que servirão para diversos eventos após a Copa, como shows, além de abrigarem *shoppings centers*, cinema, teatro e outros serviços, apenas como uma maneira de justificar os gastos. A pergunta central do professor é: se não fosse a Copa, os investimentos nas cidades seriam estes que estão sendo tocados? A resposta que ele dá é: não.

'Além disso, não é possível recuar do compromisso de sediar a Copa. Isso significa que se o movimento econômico mundial se inverter e os juros subirem, vamos engessar o orçamento público", afirma, ao observar que a iniciativa privada somente fará investimentos se tiver certeza do



*Foto-montagem do novo estádio de Natal e do projeto previsto para o entorno.*

retorno, inclusive na construção e reforma de hotéis. "A iniciativa privada sabe fazer as contas. Oferta não gera demanda. O Brasil pode entrar no mapa do mundo com a Copa e as Olimpíadas, mas isso é apenas otimismo. Vejo perda de oportunidade e não ganho de oportunidade", sentencia.

Na opinião do professor Mauro Osório, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o risco seria de fato o endividamento dos municípios. Por outro lado, no caso do Rio de Janeiro, a realização de um grande evento a cada ano até culminar com a Olimpíada em 2016, vai sedimentar a cidade como referência do país no exterior. Segundo Osório, Barcelona e Londres são exemplos indiscutivelmente positivos porque procuraram recuperar áreas degradadas. "O evento deve estar a serviço da cidade e não o contrário", pondera ele, economista com doutorado em planejamento urbano e regional.

Outro aspecto positivo apontado por Osório é a potencialidade do Rio para negócios nas áreas de entretenimento, esporte, lazer e mídia, que os megaeventos tendem a reforçar. De acordo com dados da Relação Anual



de Informações Sociais (Rais), essas quatro áreas geram hoje a mesma quantidade de empregos formais no Rio que no município de São Paulo, com o dobro de habitantes. Portanto, a geração de emprego e renda tende a ser bastante beneficiada.

O presidente da Associação Brasileira das Instituições Financeiras de Desenvolvimento (ABDE), que preside a Investe Rio, agência de fomento do estado do Rio, Maurício Elias Chacur, acredita que os dois megaeventos no Rio — que serão precedidos dos Jogos Mundiais Militares de 2011 — trazem mais oportunidades do que ameaças. "Os eventos se traduzem em motivação para a revitalização de áreas degradadas, como a zona portuária da cidade, e para a melhoria dos transportes públicos, além de gerarem empregos, negócios e crescimento do turismo".

Ele observa ainda que obras de infraestrutura e segurança são de responsabilidade pública, mas que os gastos em estádios mereceriam uma discussão mais aprofundada. "A questão agora é de tempo. Os governantes preferem realizar o investimento a arriscar uma parceria com a iniciativa privada através de PPPs, modelo ainda não consolidado no país", avalia Chacur.

Em Belo Horizonte, segundo Tadeu Barreto Guimarães, presidente do Comitê Executivo do Núcleo de Gestão das Copas e coordenador do Programa Estado para Resultados, do governo do estado, o Mundial funciona como um choque externo para alavancar projetos, boa parte deles em discussão desde 2003. Muitas intervenções estão voltadas para o eixo norte da cidade, onde fica o estádio e também a saída para o Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Cofins. Mas Barreto diz que as obras beneficiarão também a população da área norte, a menos desenvolvida no município.

"É claro que nos preocupamos com políticas de combate à desigualdade, mas para aumentar a renda da população o crescimento econômico pode até não ser suficiente, mas é condição necessária", afirma. "Vamos deixar tudo pronto para sediar o jogo de abertura do Mundial", diz ele. Por enquanto, o primeiro jogo está previsto para o Morumbi, em São Paulo, e a final para o Maracanã, no Rio.

No Mineirão, o fantasma dos elefantes brancos parece não ter chance de se fixar. O Mineirão será reformado ao custo de R\$ 427 milhões, financiados pelo BNDES, e ganhará um centro de serviços que atenderá sobretudo à população do *campus* da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde circulam de 50 mil a 55 mil pessoas. Afora isso, o Mineirão é um dos raros estádios usados para a realização dos jogos de dois times da série A, Cruzeiro e Atlético, e isso não será alterado, segundo o modelo de gestão compartilhada do local previsto pelo governo do estado.

O evento movimenta também diversos municípios brasileiros que desejam ser escolhidos como local de concentração das seleções. O Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais (BDMG), como agente financiador das cidades mineiras, já avalia projetos neste sentido. O diretor-superintendente Saulo Marques Cerqueira informa que o banco pretende conceder créditos que visem atender aos requisitos da Fifa. Além de hotel, a cidade candidata precisa ter boa infraestrutura de acesso, o que inclui uma pista de pouso. "Vamos trabalhar com repasses do BNDES, além de recursos próprios voltados também para micro, pequenos e médios empresários que devem deixar seus investimentos para uma data mais próxima da Copa das Confederações de 2013", diz.

**Nordeste: do micro ao macroempresário** - No Nordeste, a expectativa é a de que a Copa faça diferença também para a visibilidade da região. Somente em recursos do Fundo de Desenvolvimento do Nordeste (FNE), o Banco do Nordeste (BNB) estima entre R\$ 3 bilhões e R\$ 4 bilhões por ano em créditos para a Copa até 2014, de acordo com o diretor de Negócios Paulo Ferraro. Um dos programas em andamento é o BNB



Divulgação/IMG

**Tadeu Barreto, de Minas Gerais, onde as obras beneficiam áreas menos desenvolvidas**

Proatur Copa, voltado para a infraestrutura hoteleira, que já possui em estudo créditos no valor de R\$ 500 milhões para reforma e construção de hotéis.

Segundo o executivo, a demanda por crédito parte de empreendedores de todos os portes. O pipoqueiro do estádio busca crédito para trocar de carrocinha, taxistas querem trabalhar com um carro novo, donos de restaurante desejam reformar seu negócio, locado-

PAC da Mobilidade Urbana	
Principais projetos financiados com recursos do FGTS	
	Valor em (R\$ milhões)
<b>Rio de Janeiro:</b>	1.190
BRT (entre a Barra e o Aeroporto Tom Jobim)	
<b>São Paulo:</b>	1.080
Linha Ouro (monotrilho entre o Aeroporto de Congonhas e o Morumbi)	
<b>Belo Horizonte:</b>	1.020
Seis linhas de BRT, obras viárias e ampliação da central de controle de tráfego	
<b>Manaus:</b>	800
Trem suspenso entre o norte e o centro da cidade, BRT entre a zona leste e o centro	
<b>Recife:</b>	648
Corredores expressos, BRT e terminal de ônibus	
<b>Salvador:</b>	541,8
BRT	
<b>Cuiabá:</b>	454,7
Duas linhas de BRT e construção do corredor Mário Andreazza	
<b>Fortaleza:</b>	414,4
VLT, BRT, corredor expresso e estações de metrô	
<b>Porto Alegre:</b>	368,6
Corredores viários para ônibus, duas linhas de BRT e sistemas de monitoramento de tráfego	
<b>Brasília:</b>	361
Veículo leve sobre trilho (VLT) entre o Aeroporto Juscelino Kubitschek e a Asa Sul e obras viárias de acesso ao aeroporto	
<b>Natal:</b>	361
Acesso ao aeroporto, corredores e obras viárias	
<b>Curitiba</b>	44,6

Fonte: Secom.



ras de veículos buscam renovar a frota. Em projetos vultosos há ainda o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) com obras de saneamento básico e outras melhorias estruturais.

"Tudo isso ficará agregado para as capitais. O objetivo é diminuir as desigualdades intrarregionais do Nordeste e as do Nordeste com o restante do país", observa. Ele ainda destaca a preocupação do banco de não gerar mais desigualdade entre os estados nordestinos, tendo em vista apenas quatro das nove capitais estarem no Mundial.

Um dos municípios nordestinos escolhidos, Salvador vive na expectativa de incremento do turismo. O presidente da Agência de Fomento do Estado da Bahia (Desenbahia), economista Luiz Alberto Petitinga, se inclui entre os que vêem a Copa com otimismo. Salvador prevê recursos na ordem de R\$ 2,6 bilhões.

"Nosso papel, como prestador de serviços especializados na área econômica e de finanças, propiciou a participação na modelagem financeira do estádio da Fonte Nova; e na área jurídica, na modelagem do sistema de garantias de pagamento das contraprestações que o governo da Bahia apresentou ao ente privado

vencedor da licitação, na modalidade PPP", revela.

Para quem conhece Salvador, dá para perceber como a Copa 2014 vai mexer com a cidade. A mobilidade urbana inclui a construção da via expressa Bahia de Todos os Santos, em adiantado estado de execução, ligando a BR-324 ao Porto de Salvador; e um sistema multimodal de transporte de passageiro ligando a Avenida Paralela à Lapa, passando pela Avenida Vasco da Gama, e ainda projetos de saúde e segurança pública.

Em Natal, a expectativa é de mudar de patamar, pois a cidade tem no turismo sua principal atividade econômica e maior geradora de empregos. Das 16 obras previstas, cinco ficarão a cargo do governo do estado, e as demais, com a prefeitura. Além da construção de novos estádio e aeroporto, a cidade ganhará um terminal de passageiros e outras melhorias no porto, na intenção de entrar na rota dos cruzeiros marítimos. Parte das intervenções está focada no eixo leste-oeste, a um custo de R\$ 300 milhões, atendendo as áreas do aeroporto, o setor hoteleiro e o estádio. Entretanto, segundo o secretário extraordinário para a Copa 2014 do governo do Rio Grande do Norte, Fernando Fernandes, essas obras deixarão um importante legado, pois irão melhorar o deslocamento do centro para a zona norte, que concentra 350 mil dos 800 mil habitantes de Natal, a maior parte das classes C e D. Outra intervenção, ainda em negociação com o governo federal via PAC 2, seria a drenagem da área onde será construída a arena, local que sofre com alagamentos em função das chuvas e com o trânsito intenso. "Vejo a Copa como a maior oportunidade que já tivemos de consolidar

## Glamour nas cidades do consumo

O geógrafo norte-americano Christopher Gaffney (foto), professor visitante do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF), está no Brasil justamente para pesquisar os possíveis impactos dos megaeventos no país. "Os projetos não entram na cidade real, destinam-se à cidade-espetáculo que será consumida por uma classe turística de alto padrão, que usa cada vez mais as cidades como se fossem *seu playground*

e cada vez menos para quem mora", analisa ele, que já fez trabalho de pesquisa semelhante em várias nações, como Alemanha, África do Sul, Coreia do Sul e Japão.

Na África do Sul, as arenas de alto padrão tecnológico — uma exigência da Fifa — correm o risco de se tornarem elefantes brancos, em função do custo de manutenção dos modernos equipamentos. "Lá o futebol é esporte dos negros, e o rúgbi, dos brancos, mas a lógica de gerar lucros não é para os negros", observa.

Outra dúvida citada por Gaffney refere-se às expectativas de crescimento do turismo. "África do Sul e o Brasil têm uma questão geográfica: a distância da Europa, dos Estados Unidos, do Japão. O Brasil recebe hoje o mesmo número de turistas que a República Dominicana. Por quê? Pela proximidade daquele país com os Estados Unidos. Pela mesma

razão, na África do Sul, os ingressos nem estão esgotados até hoje, ao contrário do que ocorreu na Copa da Alemanha, onde as entradas foram todas vendidas com bastante antecedência", enumera.

Morando no Rio de Janeiro e trabalhando em Niterói, Gaffney observa ainda que, para a população, talvez fosse mais proveitoso investir em projetos de transporte ligando a Baixada Fluminense e a zona norte ao centro do Rio. A ponte Rio—Niterói há anos também enfrenta longos engarrafamentos. "A visão de uma cidade olímpica é bastante limitada. Em Barcelona houve a mesma lógica de cidade para o consumo, porém lá eles se prepararam com antecedência."

Segundo o pesquisador, o projeto do Rio pode aumentar a violência na parte mais pobre da zona oeste da cidade, pois as unidades de polícia pacificadora (UPPs) se concentram nas zonas sul, centro e áreas nobres da zona oeste, como Barra da Tijuca. "O tráfico será empurrado, pois a demanda por drogas não diminuirá."

Por fim, Gaffney diz que a Copa do Mundo coloca em risco até mesmo a cultura do futebol brasileiro. "Falamos do novo torcedor brasileiro, mas essa não é a cultura local. O estádio é a casa do torcedor e esta casa está sendo mudada; quem organiza a casa agora é a Fifa, que altera arquitetonicamente os estádios e a maneira de torcer". Além disso, para sustentar os modernos estádios e torná-los viáveis economicamente, ele prevê que os ingressos para jogos nacionais dobrem de preço, passando da média de R\$ 15 a R\$ 25, verificada no Campeonato Brasileiro, para algo entre R\$ 30 e R\$ 40, podendo chegar a R\$ 60.





Natal como polo turístico", enfatiza Fernandes.

### Copa do Pantanal e da Amazônia —

No Centro-Oeste, Cuiabá prepara-se para um projeto grandioso. Porta de entrada para o Pantanal, a cidade possui apenas 3.500 quartos de hotéis e espera receber entre 100 mil e 150 mil turistas durante os jogos. Por enquanto há nove hotéis em vias de construção para o evento, mas o responsável pelo grupo de trabalho da Copa, Carlos Brito, do governo do estado, sabe que a demanda será atendida também com o aluguel das casas de morador.

Para conseguir ser uma das 12 cidades, Cuiabá contou com o governo do estado, que garantiu R\$ 1 bilhão de verba pública orçamentaria, exigidos pela Fifa como um passe de entrada para a Copa. Nesse montante havia a certeza dos R\$ 400 milhões necessários para a construção do Verdão,

arena multiuso com 42 mil lugares, que poderão ser reduzidos para 28 mil nos eventos pós-Copa. "Para que o estádio se pague e não fique como um elefante branco", ressalta Brito. O governo estadual arcará integralmente com a construção, que poderá ser financiada pelo BNDES, e repassará a manutenção para a iniciativa privada.

Além dessa verba, há outro bilhão de reais previstos para obras públicas financiadas pelo governo federal e por instituições como BNDES e Banco do Brasil, via Fundo de Desenvolvimento do Centro-Oeste (FCO). "O volume de obras representa um impacto de 30 anos", declara Carlos Brito.

A MTFomento, agência de fomento do Mato Grosso, também participa, por meio de linha de crédito para empreendimentos turísticos e outra que estimula pequenos negócios da chamada Rota do Peixe, que envolve cinco distritos de Várzea Grande, município da outra margem do rio Cuiabá. "A região tem muito potencial turístico, em função da culinária local, dos peixes do Pantanal, do artesanato, da rapadura, entre outros produtos tradicionais confeccionados pela população ribeirinha", conta Arcleydi Dias Pereira, presidente da MTFomento.

Em Manaus, o presidente da Agência de Fomento do Estado do Amazonas (Afeam), Pedro Falabela, também aposta no impulso ao turismo. "A marca Amazônia hoje só perde para a Coca-Cola, mas nossa distância encarece os pacotes turísticos, o que esperamos reverter com o aumento do fluxo despertado pelo evento".

O Banco da Amazônia lançará neste mês de maio o Amazônia Movimento Pró-Copa, com prazo de financiamento de até 20 anos, incluídos até cinco anos de carência. As taxas de juros variam de 6,75% a 10% ao ano, de acordo com o porte do beneficiário. Esta nova linha vem se juntar a outras do banco, com o objetivo de desenvolver atividades turísticas na região.

O Sul também prevê uma série de intervenções. Em Porto Alegre, das sete ações previstas, seis ficarão a cargo da prefeitura, envolvendo R\$ 368,6 milhões, e uma do Sport Club Internacional, de R\$ 130 milhões, contando com financiamentos do BNDES e da Caixa Econômica Federal. Segundo Rogério Wallau, diretor da Caixa RS, agência de fomento do estado, a instituição já está disponibilizando recursos para atender as demandas de obras e investimentos voltados para a Copa. "No caso das obras públicas, dependemos de parceria com a Caixa e BNDES para poder participar como financiadores repassadores ou mandatários desses dois bancos federais. No que se refere aos empreendimentos privados, uma das áreas que deverá



*Carlos Brito, de Mato Grosso, onde o governo do estado reservou R\$ 1 bi para a Copa*



demandar recursos é o setor de serviços com destaque para a rede hoteleira e restaurantes, projetos que a CaixaRS pretende apoiar com recursos do BNDES", explica.

Números grandiosos — Em todo o país, o número de turistas estrangeiros está estimado pelo governo federal em 600 mil nos 30 dias da Copa. "É inegável que o maior legado para o Brasil será o desenvolvimento humano. Apostamos que o evento trará mudanças significativas e muitas novas oportunidades de trabalho e distribuição de renda àqueles que se prepararem. Como exemplo citamos os taxistas que aprendem inglês e espanhol para o evento. O conhecimento não se perde, perpassa toda a vida do cidadão.

A melhora na sua condição social se reflete em toda a sua família", declara o ministro do Turismo, Luiz Barreto, cuja pasta destinará R\$ 440 milhões somente para a qualificação de mão de obra para a Copa. "A exemplo de outros países que também foram sede da Copa, essa repercussão vai reverberar pelos próximos 20 anos", declara o ministro do Turismo.

A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) já fechou patrocínio de US\$ 240 milhões para a Copa 2014, isso a quatro anos do evento, contra US\$ 40 milhões conquistados no evento da África do Sul. Números, evidentemente, bem abaixo dos obtidos pela Fifa. Segundo Fernando Trevisan, diretor-geral da Trevisan Escola de Negócios, a arrecadação da entidade com os direitos comerciais para a Copa 2010 na África do Sul, incluindo a transmissão de TV, rendeu à Fifa 2,64 bilhões de euros (R\$ 6,66 bilhões, em valores de janeiro de 2010), cifras 30% maiores em relação ao Mundial de 2006, realizado na Alemanha. Para 2014, a Fifa projeta receita de 2,87 bilhões de euros (R\$ 7,25 bilhões).

Trevisan diz que o mercado esportivo é um dos mais promissores da economia global, movimentando ampla e diversificada gama de negócios, como partidas, patrocínios, licenciamentos, espaço para prática esportiva, comercialização dos direitos de TV, transação de jogadores e realização de eventos. Ele cita algumas cifras: em termos mundiais, a atividade deverá crescer 37% até 2013, alcançando um movimento de US\$ 141 bilhões (R\$ 245,81 bilhões, pelo câmbio atual). No Brasil, o setor movimenta 3% do PIB e emprega 300 mil pessoas. Ele estima um crescimento anual entre 6,5% e 7,1% no período compreendido entre 2009 e 2014. Por fim, os esportes, de maneira geral, concentrariam 75% dos patrocínios, em termos globais. "Como se percebe, o mundo é uma bola", conclui.